

Leonardo Boff*

Por que chegamos aonde chegamos?

Crises de civilizações sempre ocorreram na história. Basta ler a obra volumosa de 12 tomos de Arnold Toynbee A Study of History na qual detalha como surgem, como entram em crise e como acabam as civilizações. Maneja duas categorias básicas: desafio (challange) e resposta (response). Quando o desafio é de pouca monta a civilização responde a ela e cresce. Quando o desafio é maior que sua capacidade de resposta, a civilização entra em crise e, eventualmente, desaparece. Essa é um exposição simplificada de uma obra complexa e extremamente erudita. Talvez seu limite maior consiste em não ter considerado a luta de classes que, queiramos ou não, sempre ocorrem em sociedades complexas. Até recente data, as crises eram sempre regionais, não tomavam a totalidade do planeta.

A singularidade da crise de nosso tempo reside no fato de ser planetária e de afetar o conjunto das civilizações. Faltam-nos categorias adequadas que tenham o condão de nos oferecer uma resposta abrangente: como chegamos a esta crise planetária que carrega em seu bojo o princípio de nossa própria destruição, não do planeta como um todo, mas da vida em todas as suas formas. Não é impossível e, para alguns, é provável que nossa espécie pode desaparecer, pois criou todos os meios para fazê-lo. O fim do mundo não seria obra de Deus mas da própria ação humana. E há loucos suficientes entre os decisionmakers que podem pôr em risco a vida e eventualmente declarar uma guerra entre contendentes “com uma destruição mútua assegurada”. E junto iria a humanidade, salvo, quem sabe, alguns das cem tribos indígenas na Amazônia que nunca tiveram contacto com nossa civilização que brinca com a morte.

A pergunta radical que nos desafia é esta: por que no mundo todo estourou uma onda terrível de ódio, de raiva, de violência

a ponto de, se recalizada, incendiar terminalmente todo o planeta? São muitas as razões aduzidas a partir de vários pontos de vista. De minha parte diria, como hipótese, abstraindo causas estruturais, presentes na modernidade e por mim já analisadas, que tal atmosfera inimiga da vida e da convivência entre os humanos deriva de uma profunda decepção que degenerou numa menos profunda depressão.

A decepção residiria no fracasso de todas as promessas que as grandes narrativas fizeram à humanidade nos últimos séculos. O iluminismo prometia o acesso ao conhecimento a toda a humanidade. O capitalismo projetou o ideal de todos ficarem ricos. O socialismo se propôs acabar com todas as desigualdades e o sistema de classes. O industrialismo moderno, em suas várias formas, até com a automação e a IA geral afiançava a completa liberdade do ser humano do peso do trabalho e o acesso ilimitado de todos os saberes acumulados pela humanidade e de uma comunicação ilimitada e livre de todos com todos.

Tais promessas não se realizaram. Predominou uma lógica do poder de alguns cobiços de alinhar todos os avanços no sentido de seus interesses de acumulação privada, competitiva e nada solidária. Ao invés de um mundo mais apetecível e humanamente mais amigável, prevaleceu um mundo cruel e insensível face aos demais humanos e devedor da natureza. A decepção generalizada redundou numa grande depressão coletiva. Quem está satisfeito com esse tipo de mundo que criamos, abstraindo aqueles poucos que tudo controlam e dominam (também eles assombrados pelo medo)? A percepção prevalente é que assim como estão as coisas não podem continuar, pois poderiam nos levar a todos à uma vala comum.

Em situações críticas desta intensidade,

normalmente, dois comportamentos irrompem: aqueles que fogem para um passado idealizado onde ordem, disciplina, religião e moralidade rígida resolviam a crise. Outros, fogem para o futuro com utopias salvacionistas ou mudanças tão radicais que configurariam um mundo bem melhor e habitável, respeitando a natureza. Ambas parecem utopias sem viabilidade histórica, pois não enfrentam o desafio na sua gravidade existencial nem buscam alternativas viáveis. Essa atitude termina aprofundado a decepção e a depressão.

Há alguma saída para esta enrosada? Ou chegou a nossa vez, de encerrarmos o nosso ciclo dentro da evolução e vamos desaparecer? É notório que todos os seres, depois de terem vivido milhões de anos sobre este planeta, chegaram ao seu clímax e de repente desaparecem. Também nós teríamos o mesmo destino? Deixo a questão em aberto pois não parece improvável nem impossível, pois já nos demos os meios de nos autodestruir.

Meu sentimento do mundo me diz que quando desfalecem as utopias, mesmo as mínimas de melhoria dentro do sistema imperante, só nos resta voltarmos-nos sobre nós mesmos. Somos uma fonte

inesgotável de virtualidades e uma capacidade ilimitada de relações e de criatividade. Não obstante sermos contraditórios, feitos de luz e de sombras, sapientes e dementes, podemos potenciar de tal forma nossa positividade e aí definir um novo rumo e uma nova esperança. Cabe-nos aprofundar esta alternativa, impossível de ser detalhada aqui, mas a qual voltaremos.

A Terra futura não será um paraíso terrenal mas uma Terra revitalizada, Terra da boa esperança como alguns já o formularam.

*Leonardo Boff escreveu
Habitar a Terra. Vozes2025.

EDITORIAL

O trabalho do Rio no combate ao crime

A gestão de Cláudio Castro no governo do Rio de Janeiro representa uma tentativa firme e corajosa de enfrentar um dos maiores desafios da história do estado: o poder do crime organizado. Em meio a décadas de omissão e discursos vazios, Castro escolheu agir. Sua política de segurança pública tem como marca o enfrentamento direto às facções e milícias que dominam territórios e impõem medo à população. Embora polêmica, essa postura firme tem devolvido à sociedade a sensação de que o Estado voltou a ocupar espaços antes abandonados.

As operações integradas entre Polícia Militar, Polícia Civil e outras forças demonstram uma inédita coordenação institucional. O governo tem investido fortemente em tecnologia, inteligência e modernização dos equipamentos de segurança — com drones, câmeras corporais e sistemas de monitoramento que aumentam a eficiência das ações.

A criação de centros integrados de comando e a expansão do uso de dados estratégicos mostram que a política de Castro vai além da repressão: ela busca também inteligência.

e planejamento, pilares fundamentais para enfraquecer o crime de forma estruturada.

Outro ponto positivo é a postura do governador em cobrar responsabilidade compartilhada entre os entes federativos. Ao afirmar que o crime organizado é um problema nacional, Castro chama atenção para o fato de que armas e drogas atravessam fronteiras e exigem uma resposta conjunta. Essa cobrança não é um gesto de victimização, mas um apelo legítimo por cooperação, que reconhece a dimensão do problema e reforça o papel do Rio como protagonista na busca por soluções nacionais de segurança.

É inegável que ainda há muito a ser feito, mas os resultados das ações da atual gestão revelam avanços concretos: apreensões recordes, prisões de chefes de facções e recuperação de áreas antes dominadas por criminosos. Cláudio Castro escolheu o caminho mais difícil — o da ação — e, com isso, recoloca o Rio de Janeiro na trilha da esperança. Sua política de segurança reafirma que enfrentar o crime é um dever do Estado e um direito de todo cidadão fluminense.

Esquentou

O Distrito Federal, assim como diversas regiões do Brasil e do mundo, enfrenta os impactos das mudanças climáticas, que vêm alterando profundamente seus padrões climáticos e ameaçando seu meio ambiente, saúde e qualidade de vida. O aumento das temperaturas, as secas prolongadas e a intensificação das chuvas em períodos não esperados são apenas alguns dos efeitos mais visíveis dessa transformação, que exigem uma resposta urgente e coordenada da sociedade, do governo e de todos os setores da economia.

Nos últimos anos, o DF tem experimentado um aumento da temperatura média, com ondas de calor mais intensas, especialmente durante o período de seca, entre maio e setembro. O calor excessivo afeta diretamente a qualidade do ar, intensificando problemas respiratórios na população, e aumenta a demanda por água, recurso que já é escasso. O Lago Paranoá, por exemplo, tem enfrentado níveis alarmantes de desidratação, o que compromete o abastecimento da cidade e o equilíbrio de seu ecossistema.

A temporada de chuvas, que antes ocorria com mais previsibilidade entre outubro e março, se

apresenta agora com maior intensidade e irregularidade. Isso resulta em um impacto negativo sobre a infraestrutura da cidade, com alagamentos, danos a ruas e pontes, e aumento dos riscos à saúde, como a proliferação de doenças transmissíveis por meio da água.

É essencial que o Distrito Federal adote políticas públicas mais eficazes de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Investimentos em energias renováveis, como solar e eólica, são fundamentais para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, principal causa do aquecimento global. A ampliação de áreas verdes e a preservação de nascentes e biomas locais, como o Cerrado, também são essenciais para equilibrar o ecossistema e proteger as fontes de água.

O engajamento da sociedade em práticas sustentáveis, como o uso racional da água, o descarte adequado de resíduos e a promoção de hábitos de consumo consciente é a solução. As mudanças climáticas exigem um esforço coletivo, com ação urgente para garantir a qualidade de vida das futuras gerações e a preservação do Distrito Federal como um local sustentável e resiliente.

Opinião do leitor

Exemplos de Issac

Deus guarde Issac com as belezas da vida que ele sonhava em viver exemplos que plantou serão marcas nos corações jovens a fidalguia de Issac iluminará Brasília as brincadeiras com amigos da quadra e do colégio serão guardadas em sorrisos permanentes no céu tornou-se a alma feliz da juventude representada por ele com amor.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PLÍNIO CASADO É O INTERVENTOR DO ESTADO DO RIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de outubro de 1930 foram: Juarez Távora chega ao Rio de Janeiro dizendo que apenas

cumpriu o seu dever e espera que o povo faça o mesmo depois. Diretor de redação do Correio da Manhã, Paulo Filho acompanhou a recepção

ao general. Getúlio Vargas também está próximo de chegar ao Rio de Janeiro. Plínio Casado é o interventor do Estado do Rio.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA PORTESTA PELA SOLTURA DE CARLOS NOGUEIRA

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de outubro de 1950 foram: Brigada britânica da ONU conquista Chongju. Suécia

em luto pela morte do rei Gustavo V. Aberto o aeroporto de Laokay, na Indochina. Câmara não dá licença para processar o deputado Carlos

Nogueira e determina a soltura imediata do parlamentar. Vargas se mantém em 3,4 milhões de votos e Eduardo Gomes em 2,1 milhões.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Soárez Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadrado 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 70136-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.